

*Maria,
guia no Advento*

Sumário

Editorial

- 3

Maria, guia no Advento.

Formação

- 4

A nossa fé, a fé dos nossos filhos.

“Cumpra-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38): a fé e a indiferença.

Caminho Formativo Aspirantes

- 8

Quem somos e nosso objetivo. Artigo 2 – Natureza e fim (2^a parte).

Alfabeto Familiar

- 10

O como em Omossessualità (Homossexualidade).

Crônica de Família

- 12

- Jubileu da espiritualidade mariana
- A ADMA da Sicília: um encontro de espiritualidade e serviço.
- ADMA Venezuela: Trigésimo sétimo Encontro Nacional da ADMA da Venezuela.
- FMA ADMA Coréia – Peregrinação espiritual com ADMA JEJU.
- Acampamento Juvenil para Maria ADMA 2025.
- Peregrinação ADMA Hong Kong.

Intenção mensal de oração

- 15

Pelos cristãos em contextos de conflito.

ENVIE UM ARTIGO E FOTO: Um artigo e uma foto de um encontro de formação; da comemoração do dia 24 do mês, celebração mensal de Nossa Senhora Auxiliadora; de uma atividade de voluntariado que desenvolvem. O artigo (formato .doc, máximo de 1200 caracteres sem contar os espaços) e um máximo de 2 fotografias (formato digital .JPG e de tamanho não inferior a 1000px de largura), fornecidos com um título e/ou uma breve descrição, devem ser enviados para adma@admadonbosco.org. É indispensável indicar no assunto do e-mail “Crônica de Família” e, no texto, os dados do autor (nome, sobrenome, local da foto, ADMA de pertença, cidade, país). *Ao enviar, a ADMA fica automaticamente autorizada a elaborar, publicar, também parcialmente, e, divulgar de qualquer forma, o artigo e as fotografias. As imagens poderão ser publicadas, a critério da redação, no site www.admadonbosco.org, e/ou em outros sites da ADMA acompanhadas de uma legenda.accompagnate da una didascalia.*



Maria, guia no Advento

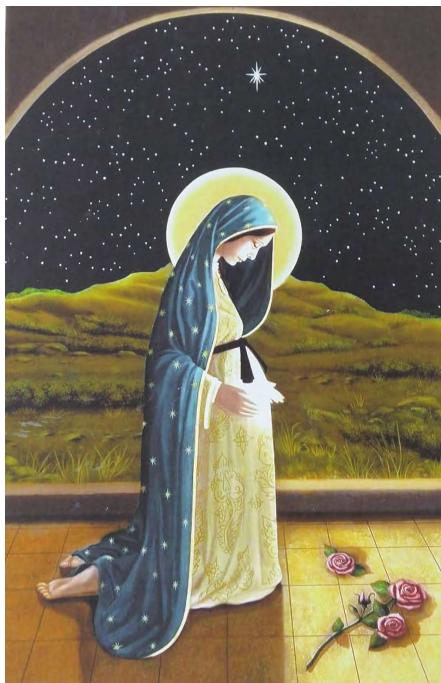
Queridas amigas, queridos amigos,

Estamos entrando em um dos períodos mais belos e mais intensos do ano! Dezembro é o mês que, como todos os anos, marca um momento de balanço do ano que passou e de bons propósitos para o novo. **Para nós cristãos, é o tempo do Advento, que termina com o Natal de Nosso Senhor: *um tempo no qual aprendemos a ouvir novamente a voz de Deus que fala nas pequenas coisas, dentro de nós, no nossa dia a dia. Também Maria nos ensina a não buscar a Deus nos grandes acontecimentos, mas no espaço humilde de nossa casa, nos gestos de cada dia, nos medos e nas esperanças que temos no coração.*** No nosso viver o Advento, não há guia melhor do que nossa Mãe. Ela é a mulher da espera, a mulher do silencio que protege, a mulher que escuta e deixa Deus entrar em sua vida incondicionalmente. Ela é o modelo perfeito da fiel que não se apressa, não se preocupa, mas se abre. E deste modo, as feridas podem se tornar aberturas.

Como sempre, este número da ADMA online é rico em conteúdo e nos mostra bem como Maria continua a caminhar ao nosso lado.

Em primeiro lugar, o nosso caminho formativo deste ano, que se enriquece com a segunda etapa dedicada à Fé e à (Santa) Indiferença, que é a nossa capacidade de permanecermos abertos à vontade de Deus. Entre as muitas coisas belas desta segunda reflexão, redescobrimos ainda como a nossa Mãe Celeste nos oferece a todos um modelo perfeito de Fé. Maria acolhe o anúncio de Deus sem reservas, condições ou cálculos. O seu “sim” é total, e é expressão de plena confiança e abandono à vontade divina. Maria renuncia completamente a si mesma para deixar Deus agir. Esta renúncia permite-lhe ser a Mãe do Senhor e cooperar plenamente com o plano de salvação.

Mas a beleza da nossa associação manifesta-se plenamente, mais uma vez, nas inúmeras



contribuições e iniciativas dos grupos e dos membros individualmente. O testemunho de Ana Maria, um novo membro da ADMA Primaria de Turim, que, juntamente com outras trinta aspirantes, fez a sua promessa em novembro, durante o Dia Mariano. Muito lhe agradecemos por compartilhar a sua caminhada com a ADMA Primaria, que engloba alguns dos elementos básicos da nossa associação: encontro com o Senhor na Adoração Eucarística, inspiração em Maria como modelo para enfrentar os desafios que a vida nos apresenta, encontro com pessoas que são canais concretos do amor da nossa Mãe.

A oração permanece sempre como o ponto de partida para a crônica da nossa grande família. É bom ler sobre comunidades que se reúnem nos mais diversos contextos, desejosas de dedicar tempo à oração, à Eucaristia, ao Terço, para confiar as alegrias e as dificuldades a Jesus e Maria. É bonito ler sobre iniciativas dos grupos ADMA existentes em todo o mundo. Revela-se a dimensão missionária da Associação no encontro descrito pela ADMA da Sicília. Há grupos que, com simplicidade, abrem espaços de caridade e proximidade, como a peregrinação do grupo da ADMA na Coreia; outros que promovem regularmente a formação de jovens, como vimos no testemunho do acampamento anual “300 Jovens para Maria” na Papua Nova Guiné; outros ainda que animam momentos de fé nas periferias urbanas onde a esperança luta para tomar forma. Esta é a beleza da nossa associação e de toda a Família Salesiana: somos uma rede viva de comunidades que levam Maria aos lares, às paróquias, às famílias e junto aos jovens, como Dom Bosco sugeriu.

Concluímos a introdução deste número com um ponto que todos ainda sentimos como urgente para este Natal. Não podemos ignorar o clima global que estamos vivendo: ainda há guerras, violência e injustiça. Confiemos, portanto, a Maria Auxiliadora todos os povos feridos, as famílias que



perderam tudo e precisam recomeçar, as crianças que não conhecem a normalidade do dia a dia, os jovens que têm dificuldade para vislumbrar o seu futuro. Confiemos a Ela, também, nós mesmos, para que nunca nos acostumemos à violência, nunca desviemos o olhar, e nunca deixemos de ter fé.

Caros amigos, este é o convite que dezembro nos entrega: permaneçamos sempre abertos à vontade do Senhor, como fez Maria. Se fizermos isso, chegaremos ao Natal com um coração mais

simples, mais livre, mais pronto para acolher Jesus.

Desejo a todos um Natal tranquilo e um feliz Ano Novo, em nome de todo o Conselho da ADMA Primária de Turim Valdocco. .

**Pe. Luis Eugenio Vargas Isaza, SDB
Animador Espiritual, ADMA Valdocco**

**Giuseppe Tufano
Presidente, ADMA Valdocco**

Formação

A nossa fé, a fé dos nossos filhos. “Cumpra-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38): a fé e a indiferença

Ó Deus, que unis as mentes dos fiéis numa só vontade, concedeai ao vosso povo amar o que ordenais e desejar o que prometeis, para que, em meio às adversidades do mundo, os nossos corações estejam firmados onde reside a verdadeira alegria. Durante o retiro plenário no Colle Dom Bosco, em comunhão com toda a Família Salesiana, inauguramos o caminho formativo do ano sobre o tema da fé. Ali, a fé apresentou-se a nós em seu caráter de luz: não um salto no escuro, mas um salto na luz. O homem é, em todo caso, um ser crente, e então, confiar e ser confiável é algo razoável e libertador. Mas ter fé em Deus, precisamente no Deus de Jesus, é crer em um Deus “que é capaz de iluminar toda a existência do homem”, não apenas alguns setores, e isso porque Jesus é ao mesmo tempo o Logos, o sentido de todas as coisas. Aquele que satisfaz a nossa necessidade de verdade, e o Filho, o Amado, Aquele que é o fundamento e a realização de todo o nosso desejo de amor.

Hoje, no dia mariano que a ADMA oferece à Família Salesiana, meditemos sobre a condição fundamental que nos permite ter verdadeiramente fé. Ora, esta condição é tradicionalmente chamada de “santa indiferença”. Ela responde a esta grande pergunta: é possível ter a mesma “fé” de Jesus, a mesma determinação e a mesma coragem em entregar-se amorosamente ao Pai e em entregar-se dolorosamente aos homens? Para a resposta, recordemos os Exercícios sobre o Pai Noso: o ideal de Cristo e do cristão não é o de acumular prazeres e evitar dores, não é o de simplesmente estar em paz e de não ter que enfrentar conflitos, não é o ideal de ter sucesso e de não ter limites, mas é o ideal de fazer da vontade

de Deus a própria vontade. E fazê-lo verdadeiramente bem: “na terra como no céu”!

Toda a Escritura ressoa neste ponto: “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e cumprir a sua obra” (João 4:34)! E “Hei de deleitar-me em vossas leis; jamais esquecerei vossas palavras” (Sal 118,16). Mas como é possível isto se vivemos para nós mesmos em vez de para Deus, se os nossos desejos não correspondem aos desejos de Deus, se temos muitas coisas, pessoas, objetivos que preferimos ao chamado que recebemos de Deus, se seguimos as nossas aptidões naturais ou as nossas preferências espirituais?

Aqui, então, está o “ponto zero” da vida espiritual, que as Escrituras atestam de muitas maneiras: “Maldito o homem que confia em outro homem, que da carne faz o seu apoio... Bendito o homem que deposita a confiança no Senhor, e cuja esperança é o Senhor” (Jer 17:5, 7); “E, atracando as barcas à terra, deixaram tudo e o seguiram” (Lc 5:11); “Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3). A ideia de “santa indiferença” fica esclarecida: não é simples “indiferença”, mas indiferença “santa”, segundo Deus, indiferença que nada tem a ver com a insensibilidade e a apatia, a resignação e o cinismo, a incapacidade de distinguir e avaliar, a indisponibilidade de reconhecer o que “faz a diferença”. Em termos mais simples, pode-se dizer: santa indiferença é “disponibilidade” para com Deus.

Reflexões Espirituais

1. 1. Uma vez que Deus é amor incondicional, a fé



n'Ele também deve ser incondicional. Por isso a fé se fundamenta na fé de Jesus e de Maria, no “sim” do Filho e no “sim” da Mãe ao mistério gozoso da Encarnação e ao mistério doloroso da Redenção; no “sim” de Jesus, que se identifica em tudo com a vontade do Pai; no “sim” de Maria, pronunciado sem limites, sem reservas, sem preferências; no “sim” de Jesus que confessa: “Aquele que me enviou está comigo; ele não me deixou sozinho, porque faço sempre o que é do seu agrado” (Jo 8,29); e no “sim” de Maria, que declara: “Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lucas 1:38).

Então, santa indiferença significa não se colocar acima de Deus, não impor limites à Sua Vontade (“não sou capaz... não estou com vontade... sou muito jovem, não sei falar...”), não colocar as próprias preferências acima da vontade de Deus (“Seria bom... Eu gostaria... Parece apropriado... Senhor, isso nunca acontecerá contigo...”), não colocar reservas quanto à própria disponibilidade “te seguirei, mas somente se... peça-me o que quiseres, mas não me peças... quem és tu para me pedir coisas impossíveis?”), não pedir muitas explicações, reservando-se o direito de aceitá-las ou não (“se elas me convencerem... Senhor, esta conversa é difícil...”). Santa indiferença é rezar, como diz aquela bela canção: “Como queres que eu seja; eu serei, para onde queres que eu vá, eu irei”.

As palavras do nosso Reitor-Mor, Pe. Fábio, são preciosas. Ele aponta para a disponibilidade de Maria, o modelo perfeito do crente, é por isso que a santa indiferença é precisamente a fé de Maria, que por sua vez é “matriz” e “mãe” da Igreja: *Maria deve aprender a deixar de lado os próprios desejos e os próprios sonhos e ir a Isabel com plena disponibilidade, ou seja, com o coração vazio de si mesma. Cheia de Cristo, Maria transborda assim na caridade do Magnificat... Diante do anúncio do anjo, Maria não negocia nem pede confirmação, nem pergunta de que tipo será a sua tarefa ou qual será o seu espaço. Maria não está preocupada com o seu “fazer”. “Ela doa a totalidade do seu próprio coração e da sua própria pessoa, sem impor condições. Submete-se a um ato de fé e humildade, oferecendo a sua disponibilidade ao plano de salvação. Maria abre o seu próprio “ventre” em total confiança, acolhendo o Verbo, tornando-se assim um instrumento divino para os eventos futuros da história da salvação (F. Attard).*

2. A “santa indiferença”, isto é, a abertura a qualquer pedido de Deus, reconhecido como mais sábio e melhor do que nós, como Aquele que nos ama mais do que nós mesmos nos amamos e que deseja que sejamos mais felizes do que nós o desejamos. Sem a santa indiferença, o crente mortifica a obra de Deus, a ação do Espírito, a interpretação da própria vida como vocação e missão, e o próprio sucesso da sua vida. Quem carece de santa indiferença, no fundo, não crê em Deus, mas substitui Deus por si mesmo, se autolimita aos seus próprios pensamentos e pontos de vista, apegue-se aos seus pobres talentos ou vive em conflito com os próprios limites. Rende-se aos ídolos internos das suas próprias convicções e aspirações, ou aos ídolos exteriores dos ideais e dos modelos da mentalidade vigente.

A santa indiferença parece árdua, mas na verdade é muito respeitosa com a nossa humanidade: se, em vez de nos concentrarmos na vontade de Deus, nos fecharmos nos nossos próprios pensamentos e emoções, ou, em vez de nos concentrarmos na nossa missão, nos deixarmos fascinar pelas muitas coisas belas e boas do mundo, sem dúvida ficaremos muito vulneráveis a todas as tentações.

3. Atingir o ponto zero da santa indiferença é tão importante e tão difícil, que Santo Inácio propõe dedicar toda a primeira semana dos seus famosos Exercícios para despertar e verificar justamente a santa indiferença e acredita que, se a alma não alcançar esse objetivo, é inútil ou até prejudicial prosseguir nas outras semanas, porque criaria uma tensão interior dilacerante e dolorosa entre a própria vontade e a vontade de Deus. Isso é sugerido diversas vezes no Evangelho, por exemplo, quando Jesus, depois de nos convidar a “amar menos o pai e a mãe” e a “carregar a cruz” para poder segui-lo, disse: *Quem de vós, querendo fazer uma construção, antes não se senta para calcular os gastos que são necessários, a fim de ver se tem com que acabá-la? Para evitar que, depois que tiver lançado os alicerces e não puder acabá-la, todos os que o virem não começem a zombar dele, dizendo: Este homem principiou a edificar, mas não pôde terminar. Ou qual é o rei que, estando para guerrear com outro rei, não se senta primeiro para considerar se com dez mil homens poderá enfrentar o que vem contra ele com vinte mil? Caso contrário, quando o outro ainda está longe, envia-lhe embaixadores para tratar da paz. Assim, pois, qualquer um de vós que não renuncia a tudo o que possui não pode ser meu discípulo (Lc 14,28-33).*



Ou quando, ao convidar o jovem rico a deixar tudo para segui-lo, o jovem, ao ouvir essas palavras, ficou muito triste, porque era muito rico (Lc 18,18).

4. O ponto é que muitas coisas atraem o nosso desejo, muitas luzes falsas obscurecem a nossa mente, muitas desordens alteram a nossa imagem de Deus e a ideia que fazemos de nós mesmos. O orgulho, raiz de todos os males, é um fardo muito pesado, e a humildade, raiz de todo caminho espiritual, é frágil demais. Muitos objetivos se tornam mesquinharias, fixações, obsessões, mas estão longe da vontade de Deus. E o tentador é astuto e sutil demais, fazendo o mal parecer bem e o bem, parecer mal. Por essa razão, Santo Inácio acredita que o ganho da santa indiferença é o “princípio e fundamento” da vida cristã, do caminho de fé, do discernimento espiritual (EESS 23).

Estes são os dois pontos principais: - **Somente Deus é o absoluto; o resto é relativo. Deus é o fim do homem; o resto deve ser ordenado a esse fim:** (EESS 23).

O homem foi criado para louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor, e assim alcançar a salvação; as outras realidades deste mundo foram criadas para o homem e para ajudá-lo a atingir o fim para o qual foi criado. Disso se conclui que o homem deve servir-se delas na medida em que o auxiliem em seu propósito, e deve se distanciar delas na medida em que forem obstáculo para isto – Eis agora a orientação prática: Portanto, é necessário nos tornarmos indiferentes a todas as coisas criadas (em tudo o que está ao alcance do nosso livre arbítrio e não lhe é proibido), de modo que não desejemos para nós mesmos a saúde em vez da doença, a riqueza em vez da pobreza, a honra em vez da desonra, uma vida longa em vez de uma vida breve, e assim para todas as outras coisas, desejando e escolhendo apenas aquilo que melhor possa nos conduzir ao fim para o qual fomos criados. Parece algo heroico, mas é algo “perspicaz”, e responde claramente ao ensinamento evangélico, quando Jesus ensina a remover todo obstáculo na busca pelo Reino: Se a tua mão for para ti ocasião de queda, corta-a; melhor te é entrares na vida aleijado do que, tendo duas mãos,

ires para a Geena, para o fogo inextinguível. Se o teu pé for para ti ocasião de queda, corta-o fora; melhor te é entrares coxo na vida eterna do que, tendo dois pés, seres lançado à Geena do fogo inextinguível. Se o teu olho for para ti ocasião de queda, arranca-o; melhor te é entrares com um olho de menos no Reino de Deus do que, tendo dois olhos, seres lançado à Geena do fogo (Mc 9, 43-47).

5. Mas, só mais uma vez, vejamos quando é importante este ensinamento sobre a santa indiferença. Pode o homem, que é finito, confrontar-se e igualar-se a Deus, que é infinito? Tudo em nós é finitude, mas existe um “momento” de infinito em nós? Sim, apenas uma coisa: a disponibilidade à ação de Deus, deixar que a Sua vontade se realize sem criar obstáculos. Então, por sermos vasos frágeis, carregamos dentro de nós um tesouro precioso, por sermos fracos, o poder de Deus opera em nós! Isso se aplica até mesmo quanto aos defeitos: também os grandes santos tinham limitações e falhas de temperamento, mas realizaram grandes coisas porque se dedicaram com coração generoso à sua vocação e missão.



6. Podemos fazer uma lectio divina sobre Lucas 9:18-25, o episódio de Cesareia de Filipe, que narra o ponto crítico em que a fé ou a descrença estão em jogo, – isto é, em última análise, a acolhida e a rejeição da Palavra da

Cruz, da qual depende a verdade da face de Deus e a salvação da humanidade. *Num dia em que ele estava a orar a sós com os discípulos, perguntou-lhes: “Quem dizem que eu sou?”. Responderam-lhe: “Uns dizem que és João Batista; outros, Elias; outros pensam que ressuscitou algum dos antigos profetas”. Perguntou-lhes, então: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Pedro respondeu: “O Cristo de Deus”.*

Ordenou-lhes energicamente que não o dissessem a ninguém. Ele acrescentou: “É necessário que o Filho do Homem padeça muitas coisas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas. É necessário que seja levado à morte e que ressuscite ao terceiro dia”. Em seguida, dirigiu-se a todos: “Se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me. Porque, quem quiser salvar a sua vida, irá perdê-la; mas quem sacrificar a sua vida por amor de mim, irá salvá-la.



Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vem a perder-se a si mesmo e se causa a sua própria ruína? - O que as pessoas dizem? O risco de reduzir Jesus às nossas próprias dimensões conhecidas e de não estarmos abertos à novidade das Suas dimensões... - O que vocês dizem? O risco de conhecer a verdade apenas em parte, sem compreender as suas premissas e consequências, o Amor Trinitário e o Amor Crucificado. - O Filho do Homem deve sofrer muito. Diante do escândalo do Evangelho... - Quem quiser salvar a própria vida, perde-la. Acolhendo a lógica do Evangelho: agarrar-se e acumular é perder, enquanto perder é reencontrar; tentar escapar e sobreviver é morrer, enquanto morrer é viver... - Perguntemos-nos, enfim: estou aberto ao mistério de Deus? Estou aberto à vontade de Deus? Quais desejos, medos, resistências, fixações e obstinações bloqueiam o meu crescimento espiritual e a fecundidade de Deus em mim? Em que tenho experimentado que, de fato, "na Tua vontade está a minha alegria"?

Reflexões Educativas

1. Hoje, precisamos ajudar os jovens a compreender que submeter a própria vontade, à vontade de Deus, não apenas não a mortifica, mas a ilumina e a fortalece. Trata-se, portanto, de acompanhar os jovens na busca de si mesmos, decidindo servir ao Senhor, e não se escravizar à mentalidade do mundo ou em uma busca frenética por si próprios: pois vêm de Deus e são feitos para Deus, que é todo Amor, "o homem só se encontra na doação sincera de si mesmo" (GS 24). Programa: "Não te pergutes quem sou, mas para quem existo" (Papa Francisco).

2. A luta fundamental que devemos travar hoje é a luta contra o narcisismo, a luta contra o voltar-se para si mesmo, que é a melhor maneira de perder a própria vida. Isso nos impede de compreender o mínimo sobre a verdade de si mesmo. Aqui, se pode aprofundar o tema da liberdade interior e da gestão dos confrontos, e acompanhar os jovens na grande tarefa de aceitar seus próprios dons e limites, de superar a inveja e o ciúme, de viver buscando agradar a Deus e não aos homens, e focar naquilo que o Senhor me pede hoje.

3. Pode-se aprofundar, também, o tema do discernimento vocacional, muito difícil quando não se alcança a santa indiferença. Especialmente nas vocações de especial consagração, ou na vocação do matrimônio, quando a vida se torna difícil, as exigências da nossa vocação parecem

exceder as nossas forças (na verdade, excedem!), se gostaríamos de um horizonte de vida mais simples e administrável, se somos tentados a dizer. "Deus me quer feliz", mas a felicidade simplesmente coincidiria com o que queremos. Precisamos nos orientar em direção à convicção testemunhada por São Paulo de que "Tudo posso naquele que me fortalece" (Fil 4:13).

4. Confiamos em alguém quando o conhecemos, quando o amamos, quando existe um bom relacionamento e temos certeza de que nada poderia abalar essa confiança. Se nós, adultos, temos confiança em Deus, se cultivamos um relacionamento constante com Ele, temos certeza de que Ele quer apenas o bem para nós, estamos dispostos a aceitar tudo o que vem das Suas mãos com espírito de fé, serenidade e abandono. Uma criança aprende a confiar em Deus somente se tiver experimentado poder confiar em seus pais: a confiança em Deus se constrói na experiência cotidiana de ser amada incondicionalmente, com ternura e misericórdia. Quando os filhos se sentem acolhidos, também, em seus erros, aprendem que Deus jamais os abandona. Como reajo quando não tenho o controle da situação? Demonstro medo ou confiança? É importante: as nossas reações têm uma poderosa influência sobre nossos filhos.

Pe. Roberto Carelli, SDB.



Caminho Formativo Aspirantes

Quem somos e nosso objetivo. Artigo 2 – Natureza e fim (2ª parte)

ADMA: Grupo Eucarístico-Mariano

A vida eucarística e a devoção à Imaculada Auxiliadora são as colunas da espiritualidade e da vida da Associação. A referência é às duas colunas do sistema educativo e da espiritualidade salesiana, no famoso sonho:

Imaginem – disse – ver o mar. Em toda aquela superfície de água, se vê uma multidão incontável de barcos dispostos em ordem de batalha. Suas proas possuem uma ponta de ferro em forma de seta, apta a ferir e transpassar qualquer coisa que tenha pela frente. Esses barcos têm canhões, fuzis e outras armas, materiais incendiários, e até livros, e avançam contra um barco muito maior e mais alto do que esses, procurando ir de encontro com a proa, incendiar e fazer todo gênero de estrago.

Aquele barco grande, todo bem equipado tem como escolta outros barcos menores, que recebem ordens dele e executam movimentos para defender-se dos barcos inimigos. O vento é contrário, e as ondas agitadas parecem favorecer os inimigos.

No meio do mar, elevam-se duas altíssimas colunas, próximas entre si. Sobre uma está a imagem da Virgem Imaculada com a escrita "AUXILIUM CHRISTIANORUM" (Auxílio dos cristãos). Sobre a outra, maior e mais alta, está uma grande hóstia, com o letreiro SALUS CREDENTIUM (Salvação dos que creem). O comandante máximo do grande barco, o Romano Pontífice, vendo o furor dos inimigos e as dificuldades dos fiéis, acha bom convocar junto de si os pilotos dos barcos menores, para tomar as decisões cabíveis. Os pilotos sobem e se reúnem ao redor do Papa. Formam uma assembleia, mas a fúria do vento os obriga a voltar aos seus barcos. Faz-se uma calmaria que permite uma segunda convocação. Mas a tempestade volta a engrossar. O Papa segura o leme e faz todo esforço para levar o navio entre as colunas, que possuem ganchos e âncoras penduradas com correntes. Os barcos inimigos movem-se todos para assaltá-lo e fazem tentativas para bloquear e afundar o barco grande. Jogam escritos, livros, material incendiário por cima do barco; outros disparam com canhões e fuzis; outros se servem dos aríetes colocados na proa dos navios para perfurar o casco das embarcações inimigas; o combate piora cada vez mais. As proas inimigas o chocam com violência, mas inutilmente.

Tentam com novos ataques, mas desperdiçam todos os esforços e munições: o grande navio prossegue, com segurança e sem rodeios, a sua rota. Às vezes acontece que, atingido por golpes formidáveis, abrem-se fendas profundas, mas uma brisa suave sai das duas colunas, e as fendas se fecham, os furos se obstruem. Entretanto começam a explodir os canhões dos assaltantes, partem os fuzis, as demais armas e os aríetes; muitos barcos são sacudidos e afundam. Então os inimigos enraivecidos passam a usar armas curtas; com as mãos, os punhos, com as blasfêmias e maldições. E eis que o Papa cai atingido gravemente. Logo os que estão perto o socorrem, e ele se levanta de novo. Atingido uma segunda vez, cai e morre. Um grito de vitória e de alegria ressoa entre os inimigos; em seus barcos se festeja. Porém, outro Papa toma o lugar do falecido. Os pilotos reunidos o elegeram tão rapidamente que a notícia da morte do Papa chega na mesma hora da notícia da nova eleição do sucessor. Os adversários começam a desanimar. O novo Papa, desbaratando e superando todo obstáculo, guia o barco até as duas colunas e, chegando ao meio delas, o liga com uma corrente que saía da proa a uma âncora da coluna sobre a qual estava a hóstia; e com a outra corrente que saía da popa o liga na parte oposta a uma outra âncora da coluna sobre a qual está colocada a Virgem Imaculada. Então, acontece um grande revolvimento. Todos os barcos que até então tinham combatido contra o barco do Papa fogem, se dispersam, se chocam e se arrebentam entre si. Uns afundam e outros procuram afundar os outros. Alguns barquinhos que combateram valorosamente com o Papa vão se atracar às colunas. Outros barcos que, por medo, ficaram longe, observam prudentemente, até que os destroços de todos os navios naufragados desapareçam nos redemoinhos do mar. Ao verem o êxito da batalha, vogam a toda velocidade também até as colunas e lá permanecem tranquilos e seguros, junto com o barco principal onde está o Papa. No mar reina agora uma grande calmaria. Dom Bosco[...], neste momento, comenta [...] os barcos inimigos são as perseguições. Preparam-se graves tribulações para a Igreja. O que já foi é quase nada em comparação ao que deve ainda acontecer. Restam apenas dois meios para salvar-se entre tamanha perturbação! – Devoção a Maria Santíssima e Comunhão frequente".



Pe. Angel Fernandez Artime – Entrega-te, confia, sorri! Carta do Reitor-Mor, Padre Angel Fernandez Artime, por ocasião do 150º aniversário da fundação da Associação de Maria Auxiliadora: “Na experiência de Dom Bosco, amor a Maria e amor à Eucaristia caminham sempre juntos, são as duas colunas que sustentam a vida e a missão da Igreja. No imaginário mariano de Dom Bosco, que podemos obter de modo especial dos seus sonhos, Maria apresenta-se como a Senhora ou Rainha que espera os jovens ao final da viagem aventurosa da vida e os convida a tomar parte no banquete celeste. Como boa dona de casa, Maria acolhe os convidados, depois de ter preparado tudo cuidadosamente. O banquete celeste, como o banquete eucarístico que o antecipa e prepara continuamente, é o lugar da comunhão perfeita. A comunhão com Deus entre nós é o fim último do culto cristão. Jesus oferece-se na cruz para que sejamos readmitidos à comunhão com o Pai; oferece-se no pão para que possamos ser uma só coisa com Ele. Do mesmo modo, os “devotos” de Maria Auxiliadora, são convidados a ser protagonistas da celebração eucarística, oferecendo a própria vida, a alegria e o cansaço, para que cresça a comunhão na família, no ambiente de trabalho, na comunidade eclesial”. A Carta de Comunhão na Família Salesiana art. 17.: “O Cristo que domina a existência de Dom Bosco é, preferencialmente, o Jesus vivo e presente na Eucaristia, o dono da casa, como ele costumava dizer, o centro de gravitação para o qual tudo converge, o pão da vida, o Filho de Maria, Mãe de Deus e da Igreja. Dom Bosco era chamado da “União com Deus” porque vivia dessa presença e nessa presença.

A Eucaristia sacrifício e sacramento, a Eucaristia comida e adorada, é na vida de Dom Bosco força e consolação, fonte de paz e fogo de atividade. Para si e para os jovens, a santidade é impensada sem a Eucaristia. A Eucaristia é a chave de volta para a conversão radical do coração ao amor de Deus. A centralidade de Cristo é vivida, no espírito salesiano, com uma extraordinária sensibilidade de contemplação e de amizade em relação à Eucaristia. A Auxiliadora é apelo à maternidade universal de Maria, que intervém na obra de fundação da sua Família, realizando assim quase um trabalho a dois. É convicção profunda e irremovível de Dom Bosco: “Foi Ela quem tudo fez”. Podemos confiar em Maria. Por isso, podemos confiar-nos a ela”. **ADMA: Grupo eclesial salesiano**, considerando que Dom Bosco ligou “de maneira indissolúvel sua devoção mariana ao sentido da Igreja, ao ministério de Pedro, à fé simples do Povo de Deus, à urgência

das necessidades da juventude”.

ADMA FORMAZIONE (ed. 2023)

Testemunhos dos aspirantes

O meu encontro com Jesus aconteceu, como frequentemente acontece, após uma grande dor. Em 2018, sofri uma perda inesperada que literalmente me lançou para outra dimensão. Foi uma dor devastadora, angustiante, atormentadora, uma dor que me tirava o fôlego, um pesadelo; havia tanta escuridão dentro de mim que até o sol me incomodava. Com essa dor, me sentia como se estivesse pregada à minha cruz, incapaz de descer. A oração me ajudava, mas não era suficiente para banir a angústia e o tormento com os quais convivia dia e noite. Eu não queria que os meus filhos me vissem ainda sofrendo, porque eles precisavam de mim, então, não sei como, dois meses depois do ocorrido, me vi viajando para Medjugorje. A realidade não podia mudar, mas eu tinha um desejo muito forte no coração: eu queria ao menos encontrar a minha paz, e essa foi precisamente a minha oração a Maria. Eu queria que meus filhos tivessem de volta, a mãe de sempre. Durante os dias em que estive lá, senti-me esperada, acolhida, compreendida, consolada e amada. Fiz minha primeira Adoração Eucarística lá, e foi linda. Senti verdadeiramente como se Jesus estivesse a poucos passos de mim, o meu coração e o Dele era uma coisa só. Só Ele sabia quanta dor eu sentia por dentro e começou a curar as minhas feridas. Quando voltei para casa, percebi que a angústia havia desaparecido e que eu podia sorrir novamente, apesar da dor dessa grande ausência, que é a toda hora a minha companhia de vida. Cheia de entusiasmo, procurei igrejas em Turim onde se celebrava Adoração e escolhi a Basílica de Maria Auxiliadora, passando a frequentar a missa de domingo de manhã e a Adoração à tarde. Continuo a fazer assim, ainda hoje em dia, “Missa e Adoração”. O quadro de Maria Auxiliadora me encantava e me encanta, mesmo porque sinto que a Sua presença aquece o meu coração e Jesus Eucarístico foi e é o meu médico e o meu remédio. Agora que iniciei a minha caminhada na ADMA, descobrir que a devoção a Maria e a veneração a Jesus no Santíssimo Sacramento são os próprios alicerces desta associação, me faz refletir e dizer humildemente: “Foi Ela quem tudo fez”. Aproveito para agradecer imensamente a Luciana, que ajudou a Maria para me fazer chegar aqui neste grupo; foi ela quem, com sua doçura, me sugeriu experimentar seguir o caminho sem pressão ou insistência, e eu



realmente apreciei a maneira como ela conduziu as coisas. Agradeço também a todos vocês que nos guiaram nesta caminhada e, acima de tudo, queria dizer como é lindo ver vocês caminhando como casais rumo a Jesus e Maria. Acredito que seja

uma imensa graça para vocês, pois em momentos de deserto, de desânimo, sempre há alguém que encoraja e apoia. Obrigada por tudo. E viva Maria!

Anna Maria Izzo

Alfabeto Familiar

O como em Omossessualità (Homossexualidade)

Entre o M de “matrimônio” e o P de “procriação”, parece apropriado incluir o O de “homossexualidade”. Por um lado, a homossexualidade, desprovida de complementaridade e fertilidade, está fora do alfabeto familiar; por outro, é uma realidade que ocorre abertamente ou silenciosamente, mas sempre de forma dramática, precisamente dentro da família. Mesmo o Papa Francisco, ao abordar a tendência jornalística de exagerar os conflitos eclesiás ou prefigurar inovações radicais na doutrina ou na prática sacramental, expressou-se neste sentido: “No Sínodo sobre a Família, ninguém falou de casamento entre pessoas do mesmo sexo. O que discutimos foi como uma família que tem um filho ou filha homossexual o educa, como o cria, como se ajuda essa família a seguir em frente nesta situação um tanto inédita”. Falemos, então, sobre isso, limitando-nos aqui a algumas pressuposições e esclarecimentos gerais, sem os quais até mesmo um diálogo se torna difícil. Alguns preâmbulos. A rigor, falar de homossexualidade e heterossexualidade é, respectivamente, inadequado e inútil: o termo “sexualidade” é mais do que suficiente, porque com ele entende-se exatamente a diferença homem-mulher. Sem rodeios, Ph. Ariño, um jornalista homossexual francês, diz que “a divisão do mundo em homossexuais/heterossexuais é um erro antropológico monumental, visto que a única divisão real da humanidade, aquela que também dá a vida, é entre homem e mulher”. Estritamente falando, não existem “homossexuais”; existe o desejo homossexual: tanto a sabedoria divina quanto as evidências científicas concordam com isso. É necessário, portanto, distinguir o plano do ser do plano da ação: no plano do ser – como afirmam tanto a Bíblia quanto o DNA – existem sempre e apenas homens e mulheres. A homossexualidade diz respeito à ordem do desejo.



Por outro lado, a diferença entre os sexos é tão primordial que sem ela nem sequer existiríamos; tão decisiva que não só caracteriza a existência terrena do homem, como permanece inextinguível até mesmo no céu; e tão importante que nos torna semelhantes a Deus: “A imagem de Deus”, afirmou o Papa, é o casal casado. Quando um homem e uma mulher celebram o sacramento, Deus se reflete neles, imprimindo neles seus próprios traços e o caráter indestrutível de seu amor”. Quatro grandes preconceitos tornam quase impossível hoje

encontrar um terreno comum entre gêneros e gerações. O primeiro é a redução do amor a sentimento. “Amor é amor”, dizem: se há o sentimento, o resto é secundário. O apelo ao amor legitima todo comportamento: pode chegar a se casar com uma árvore, ou

consigo mesmo: se há amor, toda objeção deve desaparecer. “Mas, se basta o amor”, argumenta Hadjadj, “então os orfanatos são perfeitos para a educação”. Pais e mães não são necessários; até dois homossexuais que se amam podem ir para lá, melhor ainda se forem educadores. Na realidade, já que apenas o amor entre homem-mulher é gerador, somente ele é a raiz do fato educacional! Outro preconceito que impede um debate sereno sobre homossexualidade é a reivindicação da liberdade como uma escolha, independentemente de qualquer objetividade, vínculo religioso ou limite natural. Sem qualquer análise da realidade, torna-se impossível não só dialogar, mas até mesmo argumentar. A ponto de até mesmo a esfera do direito, destinada a regular o bem comum segundo a justiça, se inclinar ao reconhecimento de direitos subjetivos, paralisando toda forma de vida estabelecida. Assim, qualquer objeção ao casamento e à adoção por pessoas do mesmo sexo é imediatamente rotulada como “homofobia”. Contudo, é irrazoável incluir toda agregação afetiva no conceito de família: as



variações não ocultam uma estrutura inconfundível: a diferença, o amor e a fertilidade do homem e da mulher. Outro preconceito é a crença errônea de que os corpos não são portadores de significados. Portanto, fica claro que um orifício é tão bom quanto o outro: apenas o sentimento é que conta, a busca pelo prazer e a convicção de ser feliz. Essa anulação do significado simbólico dos corpos que podem ser acolhidos em “bancos de esperma” e “barrigas de aluguel” inclui até mesmo a eliminação oficial dos termos “pai” e “mãe”. A questão, porém, é que um pai não é meramente uma “função paterna”, e não é qualquer um que pode substituir uma mãe na “função materna”. É evidente que o sêmen paterno não é meramente material biológico, e o útero materno é muito mais do que um tubo de ensaio! Alguns esclarecimentos. A doutrina cristã sobre a homossexualidade exige uma distinção cuidadosa entre a pessoa, a condição e os atos homossexuais: a pessoa goza da máxima dignidade, a condição homossexual não pertence legitimamente à ordem da criação, e os atos homossexuais são uma desordem moral. Isso reside no fato de que a expressão genital do amor homossexual carece da complementaridade e da fecundidade que realizam no plano sexual, a dimensão unitiva e difusiva do amor. O Magistério, recordando que a genitalidade é moralmente lícita apenas no matrimônio, expressa-se assim: “escolher uma atividade sexual com uma pessoa do mesmo sexo equivale a anular o rico simbolismo e o significado, para não falar dos fins, do plano do Criador para a realidade sexual”. As causas da homossexualidade não estão cientificamente esclarecidas, mas a sua gênese reside, sem dúvida, no âmbito do delicado processo de identificação sexual que diz respeito simplesmente a todos e que consiste na transição de nascer homem e mulher para tornar-se homem e mulher. Isso se deve à liberdade, que nos exige acolher e desenvolver o que nos é dado: corpo e sexo, dons e limitações, herança familiar e educativa, tudo o que foi vivenciado e suportado. Nada automático. Nesse sentido, o desejo homossexual não é uma doença ou uma perversão, mas pode ser definido como um “conflito psicológico não resolvido” (Anatrella), especificamente uma difícil elaboração da relação com o genitor do próprio sexo (um passo obrigatório para todos!), ou, mais simplesmente, uma “ferida espiritual” (Ariño), que não define a pessoa na sua totalidade, muito menos faz com que alguém se sinta culpado! Em nível cultural, porém, é inegável que o desejo homossexual, como uma fuga da diferença, é o sinal de um encontro fracassado entre o homem e a mulher e de

uma ruptura do homem com Deus, prova adicional de que o distanciamento de Deus produz um distanciamento da realidade. Falar sobre famílias e adoções homossexuais é completamente enganoso: os próprios homossexuais geralmente estão bem cientes disso. O Sínodo, de fato, esclareceu que “não há qualquer fundamento para equiparar ou estabelecer analogias, mesmo remotas, entre uniões homossexuais e o plano de Deus para o matrimônio e a família”. Atenção: esta não é apenas uma declaração confessional! Uma renomada psicanalista leiga como a Vegetti Finzi explicou que “se é verdade que nós não temos um corpo, mas somos o nosso corpo, não é irrelevante que ele seja masculino ou feminino, e que o filho de um casal homossexual não pode se confrontar, em sua própria definição, com o problema da diferença”. Também o rabino Bernheim, uma figura proeminente no mundo hebraico, fala claramente: “Não se pode reconhecer o direito ao matrimônio a todos aqueles que se amam só pelo fato de que se amam. A criança se constitui apenas diferenciando-se, e isso pressupõe, antes de tudo, que ela saiba com quem se assemelha. Ela precisa saber que é fruto do amor e da união de um homem, seu pai, e de uma mulher, sua mãe. Em suma, Galli della Loggia resume: “não se pode falar de qualquer direito à paternidade; se existe algum direito, é apenas o da criança, de ter um pai e uma mãe”. A Igreja ensina que as pessoas homossexuais devem ser acolhidas com afeto e respeito! Nesse sentido, Ariño afirma corretamente: “a multidão que aplaude as pessoas homossexuais não as ama, porque na realidade não as conhece e fecha os olhos ao seu sofrimento”, e ele tem razão ao observar que “a ideologia de gênero é inconscientemente homofóbica, mesmo que se apresente como favorável aos gays”. Não se pode esconder — os afetados e suas famílias sabem bem disso — que a homossexualidade é sempre um drama para uma família: é a dificuldade que as crianças têm em se abrir, o medo de não serem aceitas; e é a perplexidade dos pais, que não sabem o que pensar nem o que fazer, desorientados por um acontecimento que lhes parece muito distante do que aprenderam sobre o amor. Por fim, o convite da Igreja ao amor casto não deve parecer desumano ou pouco realista: ah, se todos compreendessem o grande bem da castidade, que não é o oposto da sexualidade, mas a virtude que a regula e a permite alcançar a felicidade! .

Pe. Roberto Carelli SDB

(Fonte: Roberto Carelli – Alfabeto Famigliare)



Crônica de Família

Jubileu da espiritualidade mariana

Sábado 11 e domingo 12 de outubro, a ADMA participou do Jubileu da Espiritualidade Mariana. O primeiro dia foi marcado por momentos significativos: a passagem à Porta Santa na Basílica de Santa Maria Maior, com visita ao túmulo do Papa Francisco, orações pessoais pelo Jubileu, Missa na Capela da Sede Central Salesiana do Sagrado Coração, presidida pelo Cardeal Ángel Fernández Artíme, Pro-Prefeito do Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica e, desde 16 de julho de 2025, legado pontifício para as Basílicas de São Francisco e Santa Maria degli Angeli em Assis. A missa foi concelebrada por Pe. Pierluigi Cameroni, Pe. Gabriel Cruz e Pe. Roberto Carelli. Após a celebração, os participantes tiveram a oportunidade de saudar o Reitor-Mor, Pe. Fábio Attard. No domingo, o grupo da ADMA Primária participou da Missa Pontifícia



na Praça de São Pedro, presidida pelo Papa Leão XIV. Foi um momento emocionante, durante o qual também foram feitas orações por todos os membros da ADMA e as suas famílias, agradecendo pelo dom de serem um só corpo e uma só alma com a Igreja universal, acompanhados pelo cuidado de Maria Auxiliadora, Mãe da Igreja. Juntos, sob o estandarte da ADMA Primária e o olhar de Maria, gratos, todos os membros renovaram seu empenho pela missão de difundir pelo mundo a devoção a Maria.

A ADMA da Sicília: um encontro de espiritualidade e serviço

Palermo, 30 de outubro de 2025 - Um encontro entre o Conselho Inspetorial da ADMA da Sicília e um grupo de casais da comunidade paroquial foi realizado na Igreja de Santa Maria da Piedade no distrito de Kalsa, em Palermo. O encontro, a convite do pároco, Pe. Giuseppe Di Giovanni, teve como objetivo apresentar a Associação de Maria Auxiliadora e a sua missão de serviço e espiritualidade. O presidente da ADMA da Sicilia, Salvatore Di Maio, e a vice-presidente, Maria Marino, juntamente com quatro membros, participaram da Adoração Eucarística e da Santa Missa na Igreja de Nossa Senhora da Piedade. Seguiram-se apresentações e o encontro no salão paroquial, onde o presidente e a vice-presidente apresentaram a associação em todas as suas vertentes. A ADMA é uma associação mariana fundada por São João Bosco para promover a veneração ao Santíssimo Sacramento, a devoção à Nossa Senhora e ao Papa, que representa a Igreja. O apostolado e o compromisso da associação são viver para Maria como Maria, colocando-se a serviço de quem necessita, e sobretudo dos jovens, evangelizando-os e conduzindo-os a Jesus por meio de Maria Auxiliadora. O encontro foi envolvente e gerou uma discussão proveitosa entre os presentes. O testemunho do Sr. e Sra. Amico, um



casal de Alcamo, foi particularmente comovente. Eles relataram os sinais de como Nossa Senhora os chamou para a associação e o milagre que receberam no dia de sua promessa. O encontro terminou com a promessa de repetir a experiência no futuro. O presidente Di Maio convidou Pe. Giuseppe e seu grupo para participarem do XIX Dia Mariano, que acontecerá em Palermo no dia 19 de abril de 2026, e eles aceitaram com alegria e entusiasmo. Estamos convencidos de que a ADMA pode ser um precioso instrumento para o crescimento espiritual e o serviço na comunidade da paróquia de Santa Maria da Piedade.

Maria Marino



Trigésimo sétimo Encontro Nacional da ADMA da Venezuela

Sob o título “ADMA Peregrinos Corações de Esperança” noventa membros provenientes de todo o país se reuniram em Paraguaná, no estado de Falcón, nos dias 5, 6 e 7 de setembro, com o objetivo de confraternizar, aprofundar a própria identidade salesiana, renovar a liderança nacional e refletir e celebrar o Ano Santo da Redenção.

Foi um encontro muito íntimo, no qual três membros da Associação Coral fizeram sua promessa. Foi uma bela experiência de fé e fraternidade salesiana, que fortaleceu o compromisso dos corações da ADMA como peregrinos da esperança.



FMA ADMA Coréia – Peregrinação espiritual com ADMA JEJU

Os três centros da ADMA FMA Coreia (Seul, Gwangju e Daejeon) reuniram-se para a “Peregrinação Espiritual com a ADMA Jeju”, que ocorreu de 31 de outubro a 2 de novembro de 2025. Vinte e seis pessoas participaram (incluindo três animadoras espirituais: Irmã Eom Seo-ok Teresa de Seul, Irmã Jeong Eun-ja Hanna de Gwangju e Irmã Kim Seong-min Geltrude de Daejeon). No primeiro dia, o grupo visitou a cidade de Jeju e fez peregrinação ao Museu da Paz 4.3 de Jeju. Na casa de acolhida Juventude de Isidoro em Jeju, houve um momento de confraternização seguido do “Boa Noite” (conduzido pela Irmã Kim Seong-min Geltrude, representante provincial da ADMA Coreia) e seguido da oração da noite. No “Boa Noite”, Irmã Kim compartilhou de forma concisa e profunda os pontos essenciais da espiritualidade mariana e da identidade da ADMA, tão caros aos membros. No segundo dia, após a Liturgia das Horas da manhã, os participantes caminharam pela costa de Suwolbong e visitaram o Santuário de Yongsu, onde visitaram o Memorial de Santo André Kim Taegon e participaram da Santa Missa. À tarde, percorreram a trilha costeira de Songaksan e rezaram o Terço no Santuário de Isidoro em Saemiso. À noite, durante o momento de partilha, a presidente da ADMA Gwangju, Yeom Jeong-sook, fez o “Boa Noite” apresentando a santidade de Santa Maria Troncatti, recentemente canonizada, e a seguir, houve a oração da noite. No terceiro dia, após a oração da manhã, o grupo visitou a bela Igreja de Seongsanpo, onde participaram da Missa. Em seguida, visitaram a Aldeia de Contos de Fadas de Songdang-dong e o Memorial do Mártir



Kim Giryang, para, então, partirem agradecidos pela profunda comunhão e amor fraternal que vivenciaram.

Os participantes expressaram grande satisfação com todas as atividades, descrevendo a experiência como um tempo de calor, amor e cura espiritual. Disseram sentir orgulho de pertencer à ADMA. As paisagens de Jeju – mar, montanhas, comida, igrejas e santuários visitados – enriqueceram a sua fé.

Durante o momento de confraternização conduzido por Irmã Jeong Yeong-ran Regina, do Casa da Juventude de Isidoro, os membros vivenciaram momentos de alegria e descontração; enquanto no momento de partilha, os testemunhos pessoais como membros da ADMA uniram os corações em profunda comunhão. Os membros disseram



que encontraram na ADMA um lugar de alegria, serenidade e força, e perceberam a presença maternal de Maria nas animadoras espirituais. Por meio do ADMA online, estão aprofundando sua espiritualidade mariana, e os aspirantes expressaram o desejo de se prepararem bem para

a promessa. O centro ADMA de Seul, organizador do encontro de 2025, cuidou de cada detalhe com grande dedicação e unidade, recebendo a gratidão de todos. Ficou decidido que daqui dois anos será o centro local de Gwangju a organizar o próximo encontro.

Acampamento Juvenil para Maria ADMA 2025: “Com Maria, caminhamos na esperança”

O 17º Acampamento anual “300 Jovens para Maria” da ADMA (Associação de Maria Auxiliadora) em Port Moresby, reuniu com sucesso 110 jovens de 7 a 9 de novembro no ginásio do DBTI e no Santuário de Maria Auxiliadora. Fundado pelo falecido Pe. Valeriano Barbero, SDB, o acampamento promove a liderança, a comunicação e a iniciativa comunitária, inspirando os jovens a fortalecerem a sua fé com Nossa Senhora como guia.

Os momentos especiais do acampamento incluíram:

- **Sexta-feira:** uma profunda experiência de Adoração ao Santíssimo Sacramento e confissão.

- **Sábado de manhã:** O Sr. Ramon “Monj” Garay (Casais para Cristo) proferiu uma palestra inspiradora sobre o matrimônio, encorajando os participantes a colocarem Deus no centro dos seus relacionamentos. Atividades de sábado: os participantes estudaram seis novos Santos canonizados neste Ano Jubilar (incluindo São Pedro To Rot e São Carlos Acutis) como modelos de vida santa.



- **Na tarde de sábado:** Padre Greg Bicomong, SDB (Inspetor da Inspetoria PGS), refletiu sobre o tema da Estreia, “Com Maria, Caminhamos na Esperança”, exortando os jovens a viverem com coragem e fé inabalável, seguindo os exemplos de Maria, São Pedro e São Paulo.

Agradecimentos foram expressos aos animadores jovens adultos e à Animadora Espiritual, Irmã Alice Fulgencio, FMA, por sua orientação.

Peregrinação ADMA Hong Kong

Em ocasião do Ano Jubilar, o grupo ADMA Hong Kong organizou uma peregrinação à Itália em outubro, visitando Roma e Turim. No dia 7 de outubro, um grupo de aproximadamente 30 membros da ADMA Hong Kong se reuniu com alguns membros do Conselho da ADMA Primária em Turim-Valdocco para viverem um encontro de oração e partilha. Após a reza do Terço e a celebração da Santa Missa, a tarde continuou com um fraterno momento de conhecimento e partilha das próprias realidades locais, e com o jantar.

Confiamos a China a Maria Auxiliadora e



agradecemos ao Senhor pelo dom de tantos grupos ADMA que florescem em todo o mundo!

Pelos pelegrinos da esperança

Pelos cristãos em contextos de conflito

Desejamos unir as orações de todos os grupos Adma no mundo todo pela intenção do Papa Francisco.

Pelos cristãos em contextos de conflito

Rezemos para que os cristãos que vivem em contextos de guerra ou de conflito, especialmente no Médio Oriente, possam ser sementes de paz, reconciliação e esperança.

